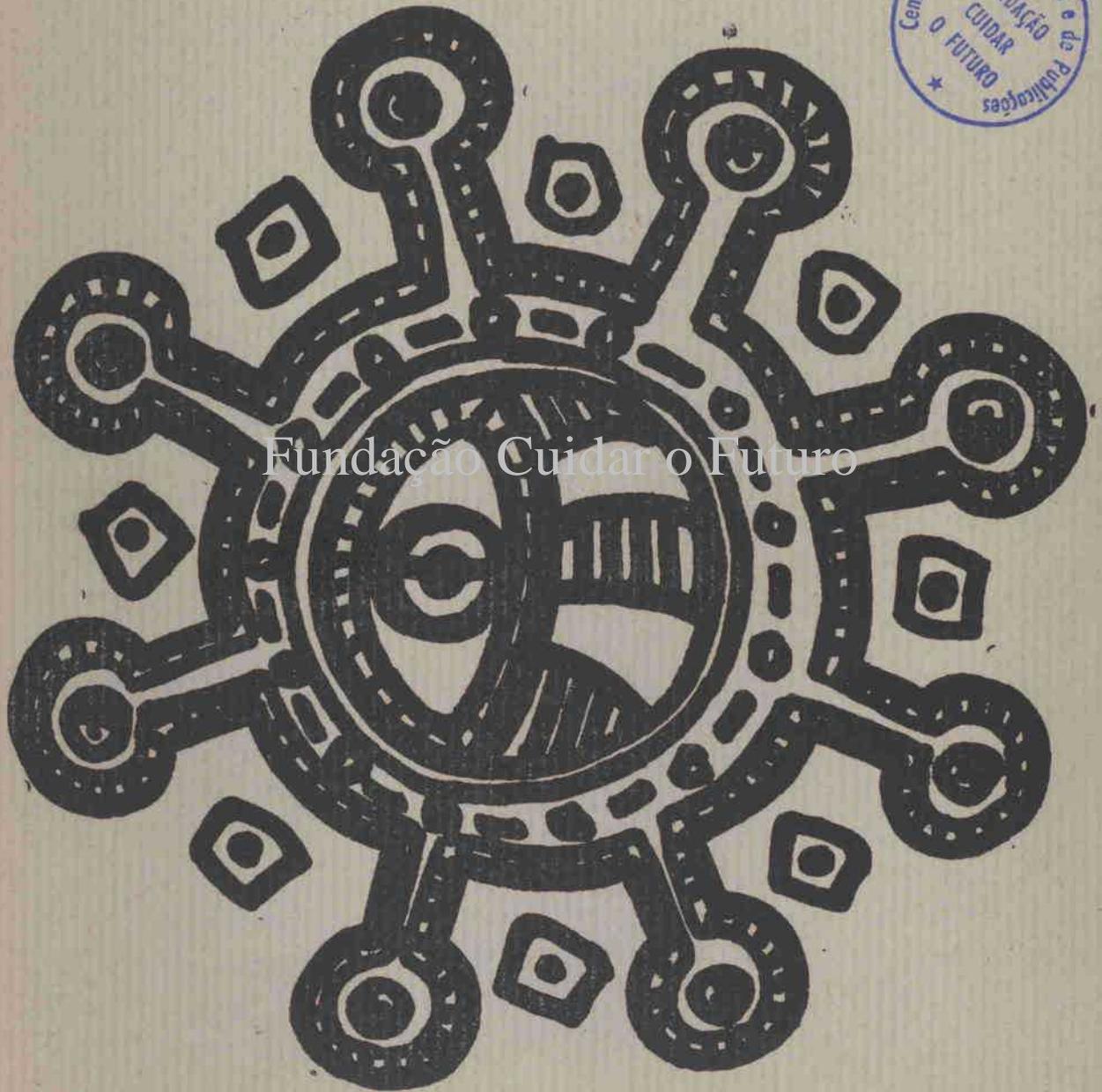


# presença



Fundação Cuidar o Futuro

# Fundação Cuidar o Futuro

O arranjo gráfico da capa é de *Diogo Pimentel*



# presença

JANEIRO DE 1959

Redacção: Av. Duque de Loulé, 90, r. c. D.  
LISBOA

EDITADA PELA J. U. C. F.  
FILIADA NA PAX ROMANA

# sumário

poema  
    Maria Flávia

nota litúrgica  
    Maria Regina Aimerim

o problema das divisões entre os cristãos  
    Pe. João A. Sousa

visita à prisão de Tires  
    Maria de Lourdes Costa

no ano das comemorações da A.C.P. — a criação de um centro católico de cultura  
    Maria Manuela Silva

a mulher, o amor e a cultura  
    Maria de Lourdes Pintasilgo

som (conclusão)      M. A. G.

a arte de ler os jornais      X.

um autor de hoje: T. S. Eliot  
    Teresa Santa Clara

os padres brancos e a missão da África      Pe. Alberto Gorin

ver para pensar



Fundação Cuidar o Futuro  
Rua ... nº ...  
Cidade ...



## Fundação Cuidar o Futuro

Programa  
de ...  
para ...  
em ...

COM A APROVAÇÃO DA AUTORIDADE ECLESIASTICA

42



## poema

Muitos os que cruzam o tempo — peregrinos  
Guardam a dor de primaveras longe — a saudade.  
O aroma de pétalas mortas.  
Muitos os que suportam — fortes de esperança,  
Duramente. Sólidos de promessa.

Deus, como um mar.

É a cidade de Deus — Igreja, casa aberta.  
Ali, onde o amor floresce na dor abandonada  
Onde a vida é único mistério.

Vida — mar de tempo cruxificado  
Pura da força pura do espírito  
Líquida do sangue e do espírito  
Carne da pura carne do homem  
E do espírito.

Deus, sobre todos os dias.

Longe, como uma asa, o santo cortejo dos santos.  
Azuis de eterna madrugada  
Colunas de desejo encontrado  
Júbilo de esperança acontecida.

Aves pousam em límpidas auréolas.

Deus, na sua Glória.

Dezembro 58

MARIA FLÁVIA

# nota litúrgica

«Será revelada a glória do Senhor e todo o homem verá a Salvação do nosso Deus» (Isaias 40/5).

«O Senhor mandou a Redenção ao seu povo e estabeleceu para sempre a sua aliança» (Salmo 110/9).

A Epifania é a continuação do Mistério do Natal, a realização da segunda etapa deste ciclo da Natividade. Contudo, ela tem um sentido especial e uma especial grandeza.

O próprio nome — que quer dizer Manifestação — indica que se celebra e se revive o aparecimento de Deus aos homens. O Deus-Menino, que nascera escondidamente, em pobreza e em silêncio, adorado apenas por alguns humildes pastores, revela-Se agora a todos os homens: aos Judeus e aos Gentios, de que os Magos são os primeiros representantes. E, por isso, o significado do Natal, como festa muito íntima da comunidade cristã, transforma-se na Epifania para uma Revelação a todos os povos. É a festa dos gentios, a festa universal da Igreja Católica. É um mistério de universalidade, que envolve todos os tempos, desde a vinda de Cristo até ao fim da história da Salvação, e todas as pessoas, desde os Reis Magos, até cada um dos homens da nossa época e todos os que virão ainda até à plenitude dos tempos. Mistério profundamente ligado a toda a expansão e crescimento da Igreja, na sua tarefa fundamental — revelar Cristo.

Já no Antigo Testamento, ao lado dos pedidos instantes pela vinda do Messias, se proclama que Ele virá e salvará todos os povos, que a sua glória será manifestada a todas as nações. A própria leitura de Isaias, incluída na missa deste dia, é a manifestação dessa vocação de todos os gentios à Fé e a proclamação do seu direito de cidadania no Reino messiânico.

Limita-se, por vezes, o sentido da Epifania a um facto fundamental, mas não único nela — a adoração dos Magos.

A Revelação do Verbo é, porém, algo de mais complexo e total.

A Revelação aos Magos é um início — a Revelação de Deus-Homem, nascido da Virgem Maria, um Menino, aparentemente como os outros meninos, mas um Menino que é o Rei dos Reis, diante do qual se prostram os potentados da Terra.

A Revelação de Deus aos homens é algo, todavia, mais. Vai-se esclarecendo, pouco a pouco. E, em toda a Liturgia deste tempo, essa revelação se realiza. Primeiro é a apresentação no Templo, irradiação universal de Jesus. Ele virá para a perdição e para a salvação de muitos. Será a pedra de toque, de escândalo, para aqueles que o desprezarem; de salvação, para aqueles que crerem Nele.

Ele é o Senhor cheio de poder que revela o Intróito da Missa da Epifania: «Eis que vem o Senhor Dominador e na sua mão o reino, o poder e o império».

É a Revelação de Cristo, vai-se desenvolvendo, ao longo de toda a sua vida. Contudo, o Ofício do Dia, que é todo um acto de Adoração, costuma agrupar três



factos, que são três manifestações da glória de Cristo e da grandeza do Mistério da Encarnação: o Mistério dos Magos, vindos do Oriente, conduzidos pela estrela, para honrar a Realeza Divina do Menino de Belém; o Mistério do Baptismo de Cristo, proclamado Filho de Deus, nas águas do Jordão; o Mistério da omnipotência de Cristo, transformando a água em vinho, no festim das bodas de Caná.

Na Antifona de Laudes, estes 3 Mistérios fundem-se maravilhosamente num só, (o mistério da Aliança de Deus conosco): «Hoje a Igreja une-se ao Seu Esposo Celeste; os seus pecados são lavados por Cristo no Jordão. Os Magos acorrem às núpcias reais trazendo presentes e os convivas alegram-se com o vinho proveniente de água».

Qual o significado da união destes 3 factos maravilhosos da vida de Cristo na terra?

Eles dão-nos o sentido mais profundo e mais total do Mistério da Encarnação e Revelação de Cristo.

Jesus, que nasce em Belém, é um Menino, que se revela; mas é, também, o Rei dos Reis, que nós adoramos, seguindo a atitude de Fé e humildade dos Reis Magos. Os Magos viram e creram. A fé no Messias, que veio, desperta no seio da gentilidade.

Mas não basta crer para se ser salvo; é preciso que toda a mancha do pecado seja purificada. Diz S. Marcos: «Aquele que crer e for baptizado será salvo».

É essa a razão de ser de uma nova manifestação de Cristo: o baptismo do Jordão. Aqui é manifestada a Santidade e a Divindade de Cristo pela própria voz do Eterno Pai. Os céus abrem-se, o Espírito Santo desce sobre Ele: «Este é o Meu Filho muito amado, no qual pus as minhas complacências».

Ao mesmo tempo que se manifesta a grandeza do Filho de Deus, estende-se ao homem o convite à purificação dos pecados.

E, depois, surge a terceira revelação, na qual se consoma o plano de misericórdia e de Amor de Deus sobre o Mundo, ao mesmo tempo que se realiza, mais uma vez e mais plenamente, a Glória de Cristo.

Diz S. João: «Foi o primeiro dos milagres de Jesus e, aí, Ele manifestou a sua glória». E, desde este momento, «os seus discípulos creram Nele». Jesus anuncia o fim último da Sua missão de enviado do Pai: a união de todos em Si, a divinização da própria natureza humana. Anuncia a união de Jesus, «gerado da substância do Pai, antes de todos os séculos», com o humano, que Nele lhe é dado por Maria, e mais ainda a união de todos nós com Cristo, para a vida da Graça.

«A todos, os que o receberam, deu o poder de se tornarem Filhos de Deus» — e nisto reside o objecto da Encarnação e da Revelação. A Aliança prometida outrora a Abraão, confirmada a Moisés, é, agora, substituída pela Aliança eterna de Deus e do seu povo — a Igreja — a Igreja que ficará, para anunciar o Reino a todas as Nações, até ao fim dos tempos.

MARIA REGINA AMORIM



## o problema das divisões entre os cristãos

De 18 a 25 de Janeiro, toda a cristandade se une em espírito para repetir a oração de Cristo e implorar a graça da unidade entre todos os cristãos: «Que todos sejam um». Deste modo, se acompanhará em oração os esforços que, por toda a parte, católicos e não católicos estão fazendo, para eliminar pontos de divergência entre uns e outros.

Em que têm consistido, os esforços já realizados?

Vai a Igreja Católica rever o Dogma?

Que pode um simples católico fazer em prol do magno problema da unidade das Igrejas?

Estas são questões a que um católico de cultura média deve saber responder. O P.<sup>o</sup> João de Sousa no presente artigo dá-nos sobre elas valiosos esclarecimentos.

Falar da desunião entre os cristãos é evocar um dos mais dolorosos problemas para a consciência de quem preze a sua qualidade de cristão. Pois não se queixava dramaticamente S. Agostinho de se sentir como que despedaçado pelo cisma dos Donatistas: *ego laceror valde?* Para este arauto da unidade cristã em «Cristo total», provocar divisões na Igreja é cometer o maior de todos os pecados: pôr altar contra altar, e consequentemente rasgar em pedaços o Corpo único de Cristo.

Uma tal linguagem parece-nos hoje demasiado dura, e talvez acedamos à tentação de lhe não dar mais que um discreto valor metafórico. Mas tenhamos presente que há uma profunda e misteriosa afinidade entre o Corpo físico de Cristo na Eucaristia e o Corpo místico de Cristo que é a Igreja. O mistério eucarístico, escreve o Padre Lubac, prolonga-se necessariamente no mistério da Igreja; e, por outro lado, o mistério da Igreja é

pressuposto indispensável para a celebração do mistério eucarístico. (*Méditation sur l'Eglise*, 3.<sup>a</sup> ed., p. 136). Pretender celebrar o mistério eucarístico em altar desligado da única Igreja de Cristo, é dilacerar o próprio Corpo de Cristo. A gravidade atribuída por S. Agostinho ao crime dos cismas na Igreja justifica-se, aliás, pelo interesse posto pelo Senhor Jesus no pedido feito ao Pai para obter o dom da unidade para a Sua Igreja: «Pai, que todos sejam um só; como tu, ó Pai, estás em mim e Eu em Ti, que eles também estejam em nós, a fim de que o mundo acredite que Tu me enviaste. E Eu dei-lhes a glória que Tu Me deste, para que sejam um só, como Nós somos um só: Eu neles e Tu em Mim, para chegarem à perfeita unidade.» (João XVII, 21-23). Não será exagero afirmar que nada Jesus procurou com tanta insistência e preocupação para os seus fiéis como a *unidade de fé e amor* entre todos eles.

Mas, infelizmente, outro é o espectáculo que a cristandade tem oferecido ao longo dos séculos. Se dermos o qualificativo de cristãos a todos os que reconhecem N. S. Jesus Cristo como seu Deus e Salvador, somos forçados a verificar que eles estão profundamente divididos entre si, apresentando ao mundo infiel escandaloso panorama de desentendimento naquilo mesmo que deveria uni-los e contradistingui-los de todos os demais: a fé em Cristo.

O que fica dito, é bem suficiente para concluir que o problema da unidade cristã é um *problema da Igreja*, e que por isso mesmo nos atinge no mais íntimo de nós mesmos, na medida em que nos sentirmos integrados na Igreja; digamos a palavra própria, na medida em que cada um de nós se sentir Igreja.

As linhas que vão seguir-se pretendem ajudar-nos a tomar consciência da gravidade espiritual deste problema, ao mesmo tempo que se destinam a determinar qual deve ser a nossa atitude intelectual e religiosa, perante o assunto de tamanha transcendência para o mistério da Igreja.

## I — Um pouco de História

Recordemos brevemente os principais movimentos de separação que ao longo da História cristã sempre tentaram rasgar a túnica inconsútil da Esposa de Cristo.

Remontam aos séculos quarto e quinto os primeiros sintomas da rebelião contra a Igreja Católica Romana. Em consequência de desentendimentos doutrinários a respeito da Santíssima Trindade e da Pessoa de Cristo, vários grupos cristãos do Oriente cortaram a «comunhão» com a veneranda Igreja de Roma, que pela sua «maior autoridade», conforme se exprime S. Ireneu, Bispo de Lião nos finais do século segundo, constitui o *centro da cristandade*. Datam desta época algumas velhas Igrejas nacio-

nais, como os Nestorianos, Armênios, Monofisitas Coptas, Monofisitas Abissínicos, e outros.

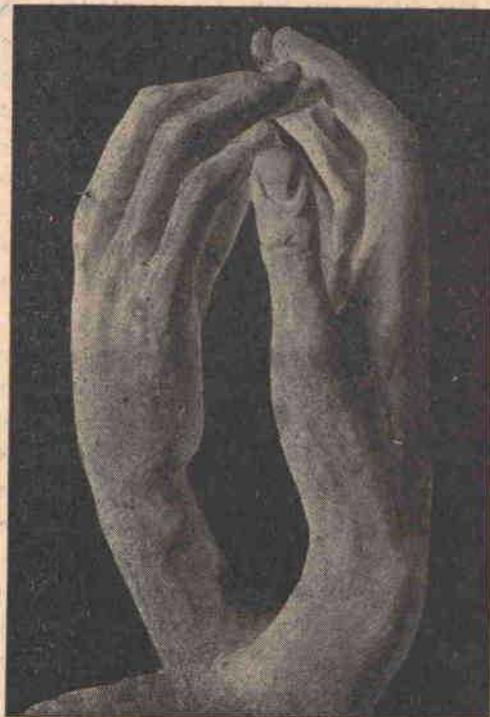
Mas é, no século XI, que se consuma o grande cisma dos cristãos orientais, quando o Patriarca de Constantinopla Miguel Cerulário se revoltou escandalosamente contra o Papa de Roma, arrastando na sua rebelião quase todos os fiéis da parte oriental do antigo império romano. Ao conjunto destas cristandades separadas de Roma costuma dar-se o nome de «Igreja Ortodoxa», que hoje conta cerca de 140.000.000 de membros, repartidos por várias comunidades mais ou menos independentes entre si. Uma vez que estas Igrejas locais recusaram obediência à Sé Romana, não tinham mais a quem se submeter, embora reconhecessem uma certa primazia de honra ao bispo de Constantinopla. Conservam porém um verdadeiro sacerdócio, em continuidade com os poderes apostólicos, e por isso administram válidamente os sacramentos. O principal ponto de discórdia é o dogma do Primado romano, motivo que muitas vezes nos leva a considerá-los mais cismáticos que herejes.

Entretanto, uma outra grande separação arrancava ao Catolicismo cerca de metade das comunidades cristãs do Ocidente. Foi a rebelião protestante do século XVI, que teve por principal protagonista a complexa figura do monge alemão Martinho Lutero. Mais de 200.000.000 de homens se acolhem, actualmente, à sombra desta árvore gigantesca do Protestantismo, plantada há quatro séculos em terra mais que preparada para dar força e incremento a qualquer tentativa de revolta contra o estado lamentável de Igreja Romana pelos finais do século XV e princípios do século XVI. Lutero não passou de mero arauto de uma reforma que estava no espírito de todos, embora infelizmente lhe desse rumos errados. A este propósito, apraz reproduzir aqui uma corajosa página de K. Adam: «Si Martin Luther s'était dressé à ce moment-là et s'il avait employé les dons merveilleux de son esprit et de son

coeur, son sens génial du Christianisme, son défi passionné contre ce qui n'est ni saint ni divin; la force élémentaire de son expérience religieuse (...), s'il avait employé toutes ses qualités magnifiques pour éliminer les abus criants de l'Église de ce temps et pour sarcler les mauvaises herbes du jardin de Dieu, s'il était resté, en outre, un membre fidèle de son Église, humble et simple, droit et pur, comme nous lui baisierions aujourd'hui encore la main avec reconnaissance! Il serait et resterait notre grand réformateur, notre cher ministre de Dieu, notre docteur et notre guide, comparable à un Thomas d'Aquin et à un François d'Assise. (...) Mais, (et c'est là la tragédie de la Réforme et de la Chrétienté toute entière) dans le combat des esprits, il se laissa entraîner au point de combattre non seulement les abus de l'Église mais l'Église elle-même» (*Vers l'unité chrétienne*, p. 43-44).

... E aí temos, hoje, uma Cristandade que apresenta ao mundo um autêntico escândalo, com as suas três grandes facções: Igreja Romana, Igreja Ortodoxa Oriental, Igreja Protestante. Como é que um espírito cristão não se sente envergonhado ao ouvir, no íntimo da sua consciência, a voz sempre viva do Senhor a repetir aquele instante apelo dirigido ao Pai, na véspera da Paixão: «Que todos sejam um»? Com profunda tristeza observa K. Adam que, se nos primeiros tempos da Igreja os pagãos se admiravam da mútua caridade entre os cristãos, hoje bem podem os não-cristãos lançar-nos em rosto a nossa falta de união (*op. cit.*, p. 14).

Por quanto tempo durará esta lamentável situação? Só Deus o sabe. Mas a esperança cristã defende-nos contra uma visão pessimista do problema, garantindo-nos a vitória final da oração do Senhor Jesus. O Cardeal Newman gostava de referir-se, com delicada caridade, ao significado da revolta protestante, e não ocultava que via, mesmo, no escândalo deste cisma herético, misteriosas disposições da Providência, de que é tantas vezes regra



A Oração — Rodin

conduzir-nos ao triunfo pelo malogro. O certo é que Deus tudo orienta para o bem da Santa Igreja, embora muitas vezes nos escape a linha do plano divino.

## II — Caminhos da união

Por toda a parte, começa a surgir uma ânsia de reparar os males da divisão cristã. Católicos e não católicos, todos vivem a angústia da separação e não se poupam a esforços por apressar o restabelecimento da unidade na fé e na caridade. Quem não verá, aqui, uma acção do Espírito Santo? Os grupos não católicos tentam desesperadamente encontrar uma plataforma de entendimento nos quadros do chamado «Movimento Ecuménico», em que



se desenham duas correntes: uma, mais preocupada com a unidade no plano da acção, e por isso mesmo denominada *Work Life*; outra, mais atenta às exigências do dogma, e por isso mesmo denominada *Faith and Order*. No encontro efectuado entre delegados das duas correntes, em Utrecht, no ano de 1939, decidiu-se criar um «Conselho Universal (ou Ecuménico) das Igrejas», que preparou a célebre Assembleia de Amesterdão, em 1948, em que intervieram representantes de 148 denominações cristãs do Oriente e do Ocidente. Estes representantes sentiram bem ao vivo que as suas divergências doutrinais constituem obstáculo intransponível. Conforme observa o P. Boyer, por mais que se insista no espirito de compreensão, as oposições doutrinais não se deixam vencer, quando atingem uma certa gravidade e interessam à consciência (*Unitá Cristiana e Movimento Ecuménico*, p. 36).

Sem pormos em dúvida a seriedade de tantos esforços, temos de afirmar que o caminho da união não tolera compromissos de ordem dogmática, sob pena de se confessar que não se está de posse da verdade. Em todo este movimento de aproximação entre as diversas comunidades cristãs, só a Igreja Católica se tem mantido em atitude de coerência: consciente de que é a Igreja Una, Santa, Católica e Apostólica fundada por Cristo, não toma parte em assembleias, onde se discutem as suas doutrinas e as suas prerrogativas. Quando muito, permite ela encontros particulares com membros doutras confissões.

Mas qual deverá ser, então, a atitude dos católicos perante os louváveis esforços de tantos espíritos rectos, em favor da unidade cristã, — causa tão querida ao Coração de Cristo nosso Salvador?

1. Para um católico, não tem sentido pedir-lhe que também aceite outras comunidades cristãs como formas autênticas da Igreja de Cristo. O católico sabe que a sua Igreja é a única herdeira das promessas de salvação. Nem a sua fé nem a sua vida

sacramental podem ser objecto de alterações, para se garantir o bem da unidade. «En tant qu'elle est le corps du Christ, et que, hors d'elle-même, il n'est pas de salut, consciente de sa mission, elle doit condamner, comme des créations extra-chrétiennes, non-chrétiennes et anti-chrétiennes, toutes les Eglises surgies et surgissant au cours des siècles à côté d'elle ou contre elle. (...) Elle renierait et trahirait sa conviction la plus profonde d'être l'Eglise du Christ, si elle admettait seulement la possibilité d'une union finale de la Chrétienté, autrement qu'en elle: Pour elle, il n'existe qu'un moyen de faire l'unité, c'est de se unir à elle». E que «la question de l'union est celle de la verité» (K. Adam, *op. cit.*, p. 126, 127 e 130). Para a eclesiologia católica, é puro absurdo supor que para se ser cristão basta aceitar alguns «artigos fundamentais da fé, deixando à livre escolha de cada um admitir outras verdades menos fundamentais. Tal é o equívoco protestante, que urge tirar a claro, para bem da verdade e por isso mesmo da própria unidade.

2. Tornia-se pois claro que, à luz do pensamento católico, o verdadeiro objectivo do movimento ecuménico não poderá ser outro senão trazer à Igreja de Roma os agrupamentos dela separados. Mas não se vá concluir que toda a responsabilidade da divisão recai sobre esses agrupamentos cismáticos. Se eles cometeram o pecado de consumir a divisão, os católicos, pela sua mediocridade, pela sua conduta escandalosa, pelas suas pretensões orgulhosas, contribuíram, em larga escala, para a consumação desse crime.

Foi neste espirito que o Papa Adriano VI lealmente reconheceu, na dieta de Nuremberg, em 1523, que a incipiente rebelião protestante fora ocasionada pelos desmandos dos filhos da Igreja, «e muito especialmente pelos pecados dos sacerdotes e dos prelados.»

Erro seria, pretender que da parte católica não deveria haver mais que um «acto de caridade con-

descendentes», a título de mero favor, para com o, irmãos que vieram a cair no erro (*op. cit.*, p. 131).

3. Mas há uma outra razão para encarmos, em atitude de humildade, o problema da separação de muitos dos nossos irmãos. É que, para além da perda numérica de uns tantos filhos seus, há a assinalar um prejuízo mais grave para a Igreja: um certo empobrecimento de energias espirituais. Escreve a este propósito o já citado K. Adam, a quem se devem belas intuições teológicas a respeito do movimento ecuménico: «En perdant de grandes fractions de son corps, l'Église catholique n'a pas perdu seulement d'innombrables âmes immortelles; elle a laissé partir ses forces constructives si précieuses, ses esprits profondément religieux et épris de l'idéal, qui agissent plus tard et agissent encore aujourd'hui dans les Églises séparées avec une telle puissance de création, alors qu'elles auraient été appellées à développer en terrain catholique une magnifique floraison de vie religieuse. Nous avons beaucoup perdu en les perdant» (*op. cit.*, p. 132-133).

Nestas luminosas reflexões, vai implicada a ideia de que o regresso dos dissidentes à Igreja significaria, não apenas um aumento numérico, senão também um enriquecimento espiritual na compreensão do dogma e no exercício da virtude. Assim o entende um outro teólogo, o francês, e verá a duração do P. Montcheuil: «D'une part, on est assuré que la réunion sera un grand bien pour les confessions séparées, car elle leur donnera tout ce qui leur manque, en les rattachant au seul Corps du Christ; mais on reconnaît aussi d'autre part que cette réunion sera, pour l'Église catholique elle-même, un grand bien, une source d'enrichissement. Non que l'Église manque, absolument parlant, d'aucune valeur chrétienne essentielle; mais tous les catholiques ne les vivent pas toutes avec la même intensité» (*Aspects de l'Église*, 1951, p. 122).

E os factos aí estão a comprovar quanto fica afirmado no campo dos princípios. Há que reconhecer, por exemplo, que os luteranos poderão ajudar-nos a tomar consciência mais profunda da gratuidade da graça; os calvinistas, a apreender melhor o valor divino da Escritura; os ortodoxos, a viver mais sentidamente os aspectos místicos do mistério da Igreja. Não constitua, pois, escândalo a afirmação de que o regresso dos nossos irmãos separados redundaria em nosso próprio proveito, na medida

em que se chamasse a nossa atenção para alguns tesouros espirituais do Cristianismo, que muitos de nós não vivem convenientemente. (cfr. Boyer, *op. cit.*, p. 108-109).

É neste sentido que o P. Congar fala da reunião dos dissidentes como meio de a Igreja actualizar mais a sua catholicidade intensiva, realizando-a também em extensão, acima de todas as divisões, que são sempre ocasião de morte. (cfr. *Chrétiens désunis*, p. 316).

Está, porém, longe do pensamento dos teólogos supor que a actuação de valores de catholicidade pelo regresso dos separados determinasse um enriquecimento essencial ou substancial para a Igreja de Cristo. Como quer que seja, há toda uma teologia a fazer sobre certos valores cristãos que, embora pertençam como próprios ao Catolicismo, podem persistir em comunidades dissidentes, em virtude da própria estrutura destas comunidades. A tais «elementos de Igreja», presentes em agrupamentos cristãos não católicos, dá-se modernamente o nome de *vestigia Ecclesiae*, os quais podem ser tanto os frutos de santidade como os próprios meios de santificação. (cfr. G. Thils, *Histoire Doctrinale du Mouvement Oecuménique*, p. 183 segs.).

Uma coisa importa notar antes de concluir. o problema da união das igrejas separadas não é obra puramente humana, como se bastasse desfazer preconceitos e adoptar uma tática de compromissos. Se a unidade da Igreja é projecção no tempo da própria unidade substancial das três Pessoas Divinas, a reunião de todos os cristãos depende do trabalho da graça. Invoquemo-la, pois, unindo-nos à oração de Cristo: «Pai, que todos sejam unidos»

P. JOAO A. DE SOUSA

#### BIBLIOGRAFIA

- M. J. CONGAR, *Chrétiens désunis*, Paris, 1937  
K. ADAM, *Vers l'unité chrétienne*, trad. française, Paris, 1949  
C. BOYER, *Unitá cristiana e movimento ecumenico*, Roma, 1955  
G. THILS, *Histoire doctrinale du mouvement oecumenique*, Louvain, 1955  
Y. DE MONTCHEUIL, *Aspects de l'Église*, Paris, 1951, cap. IX.



# Fundação Cuidar o Futuro

O mar pertence-lhe; foi Ele quem o fez  
e a terra firme é obra de suas mãos.

SP. 95/4,5

# visita à prisão de Tires

*Com este artigo, Presença dá início a uma secção nova, criada com este objectivo: proporcionar às universitárias o encontro com os «mundos» desconhecidos que, afinal, estão à nossa beira; e, através dele, abrir perspectivas à sua acção futura como diplomadas.*

*Quantas universitárias acabam o curso sem um rumo definido por nunca terem sabido olhar as necessidades dos outros e reflectido acerca das possibilidades que o seu curso dá!*

*Através de uma série de impressões de visitas, de entrevistas, etc., vai procurar-se romper a muralha da Universidade e olhar a Vida.*

*A redacção agradece as sugestões que queiram dar sobre «mundos» que gostariam conhecer.*

Visitei há dias a prisão de Tires. Evidentemente que o meu objectivo não é vir relatar quantas secções existem ou qual a organização administrativa adoptada. Eu pretendi antes penetrar, o mais que o permitisse uma curta visita, na alma que vive naquela como em qualquer instituição e ainda que o não saiba exprimir por palavras, julgo que o objectivo foi atingido; pressenti essa alma infinitamente rica e fiquei desejosa de melhor a conhecer.

É que o espírito que ali reina manifesta-se dum modo tão evidente que é impossível não o palpar, não o sentir. E senti-lo, tem de ser já amá-lo.

Sem qualquer espanto, apenas com a maior simplicidade, foi-nos mostrada toda uma obra magnífica; quase não foram precisas palavras, porque os olhos viam e o coração registava.

## **Cadeia sem grades**

Eu nunca tinha ido a uma cadeia. Não

querendo ser pessimista, imaginava um edifício triste, com muitas grades, um ambiente severo e lá dentro caras marcadas pela dor, pela revolta, pelo crime. Mas, afinal, era diferente.

Numa manhã fria e agreste, cheguei a um aglomerado de edifícios brancos, situados nuns terrenos muito nus, muito isolados.

Ao longe o vulto negro da Serra de Sintra.

Os edifícios eram as residências dos funcionários da cadeia. Um muro branco e um portão grande, que tem escrito por cima só isto: «Prisão de Mulheres». Franqueado este, eis-nos lá dentro. Novamente nos aparecem vários edifícios brancos que, se não fosse o dístico do portão, poderiam ser tomados por blocos dum hospital. É que nem sequer vimos as esperadas grades...

Fomos recebidas pela directora da prisão — a madre superiora da comunidade religiosa a quem a direcção deste estabelecimento prisional está entregue: as

Religiosas do Bom Pastor. Foi ela que amavelmente nos acompanhou, durante a nossa visita.

Não sei bem quando comecei a ver as reclusas: as primeiras pessoas que vi foram as que nos abriram as portas; soubemos depois que algumas eram empregadas, outras presas. Uma e outras não as distingui. Descobri, logo de princípio, que as caras não são marcadas; são apenas rostos de mulher.

No hospital, que foi o pavilhão onde entrei primeiro, uma sorria com o sorriso embevecido de toda a mãe que contempla a filhinha, nascida há três dias. Era rosada e linda e tinha o mau hábito, tão comum à gente do seu tamanho, de dormir de dia e chorar de noite.

Outra, que estava doente na enfermaria, arrasaram-se-lhe os olhos de água ao dizer que só faltavam dois meses para ir para a sua casa. E foi este o nosso primeiro contacto.

Entretanto, passámos pela cozinha, impecavelmente limpa, onde uma irmã trabalhava com algumas reclusas e enormes panelas de pressão coziam o almoço que cheirava muito bem.

Antes de falar do pavilhão seguinte, penso que interessará dizer que a cadeia de Tires é uma cadeia central, isto é, destina-se ao cumprimento de penas a partir de 6 meses e de medidas de segurança.

A sua população divide-se por três secções independentes conforme a categoria das penas, o que obedece a um critério de separação dos vários tipos de delinquentes. Seria evidentemente prejudicial o contacto entre todas elas, pois

pode variar muito o grau de criminalidade.

Na prisão de Tires, há um pavilhão destinado ao cumprimento de pena maior, que pode ir de 24 a 30 anos; outro, para a pena de prisão correccional, que pode ir até 2 anos; e, ainda, outro destinado à aplicação de medidas de segurança, cujo tempo de detenção pode ir de 6 meses a 3 anos.

Actualmente, estão nesta cadeia, distribuídas pelas 3 secções, cerca de 400 mulheres de todas as idades acima dos 16 anos, (até esta idade é-lhes aplicável a legislação penal de menores e há estabelecimentos próprios).

As medidas de segurança não são penas, mas medidas de precaução, tomadas em virtude de verificação de perigosidade criminal. Recaem, geralmente, sobre alcoólicas, prostitutas e vadias (que são as que não têm modo de vida). As penas correccionais são aplicáveis, normalmente, a quem pratica pequenos furtos.

A pena maior destina-se a castigar os crimes mais graves. A criminalidade feminina reveste, normalmente, a forma de abortos e infanticídios e, quando homicídios, de envenenamento. Trata-se, muitas vezes, de mães solteiras, abandonadas moral e materialmente pelos pais dos seus filhos, e repelidas por meios sociais muito fechados e, ainda, de mães casadas que viviam em condições miseráveis.

A forma de matar, usada pelas mulheres, é quase sempre o envenenamento, talvez porque não é sanguinário e não exige força.





## Fundação Cuidar o Futuro

É um crime rigorosamente punido, pois supõe, necessariamente, premeditação, isto é, maquinação do delito e persistência.

### 150 mulheres cumprindo pena maior

Foi o pavilhão das reclusas em cumprimento de pena maior que eu visitei. Nele, estão cerca de 150 mulheres. Atravessámos o refeitório muito digno e até belo na sua pobreza. Em cada mesa, uma jarra de flores, pois elas gostam muito

de flores (disse a madre). Um salão enorme, onde é o recreio, quando não está tempo para andar ao ar livre. Uma escadaria com viçosas avencas e subimos ao 1.º piso, a ver os quartos que são individuais.

Uma janela rasgada, uma cama com uma colcha muito branca, uma mesinha com alguns livros, molduras com fotografias, jarri-nhas com flores e um missal.

Ainda um lavabo, um banheiro, uma cadeira e um pequeno armário com objectos de uso pessoal — um frasco de perfume e mais fotografias. E está descrito um quarto modesto, que podia ser de uma de nós, mas é a cela de uma prisão, porque tem grades na janela e à noite a porta é fechada por fora.

### As presas trabalham e ganham o seu salário

Era um dia de trabalho e, portanto, as reclusas estavam nos seus diversos serviços.

Vimos um grupo que fazia trabalhos de costura — havia vestidinhos bonitos para as pequeninas da creche (há uma creche para os filhos das reclusas até aos 3 anos — que não visitámos, porque estavam com sarampo); outras faziam malha ou bordavam.

Ao lado, outro grupo trabalhava em tapetes, carpetes e passadeiras de Arraiolos.

Ao fundo do corredor, é a sala de aula



onde há sempre cursos rotativos para os exames de instrução primária.

## O essencial é indizível

Conversei pouco, mas soube um mundo de coisas. Soube que algumas presas, quando acabam o seu tempo, querem ficar para auxiliar as irmãs na regeneração das outras; que muitas delas — as de confiança — são preciosíssimas auxiliares da boa ordem de toda a casa; que têm uma cantina, onde ao Domingo podem fazer as suas compras. E que todas elas têm um salário pelo seu trabalho, que em parte é depositado para formar um pequeno pecúlio que ajudará cada uma nos primeiros tempos após a saída da prisão; outra parte é destinada ao auxílio da família, se a têm; e o restante é-lhes entregue como quota disponível.

Aprendi muita coisa; mas a impressão fundamental é incomunicável.

Amei aquelas mulheres porque as vi. Agora, elas já não são para mim assassinas, prostitutas ou vadias; elas são mulheres. Mulheres como a pecadora, a quem Cristo perdoou, «porque muito amou». Mulheres nossas irmãs, a quem a ignorância, as taras hereditárias, a miséria, o desamor da sociedade, em que viveram, levaram a uma traição à sua missão.

Vincou-se, muito profundamente, em mim uma admiração enorme por aqueles que dão a sua vida ao serviço das prisões.

Vi bem, como todo aquele ambiente

era fruto de um trabalho silencioso e em amor.

No hospital, na cozinha, nas salas de trabalho, lá estava sempre vigilante uma religiosa.

Nos mínimos pormenores, reconhecíamos o seu amor por cada uma.

E, como o amor não tem fronteiras, mesmo depois da saída da prisão, as irmãs procuram manter o maior contacto possível para que elas não voltem a cair. Li uma carta que a Madre Superiora enviou pelo Natal a cada uma das antigas e que começava assim: «Minha filha».

Uma conclusão tirei: só por vocação alguém se deve dedicar aos serviços prisionais. É uma vida cheia; mas só um ideal muito grande pode sustentá-la. É um viver por elas e para elas, amando cada uma de per si.

E deve ser tão difícil, amar uma mãe que abandonou o filho recém-nascido, num campo, numa noite de chuva e trovoadas! Deve ser tão doloroso, o choque com um mundo brutal e sem fé!

O próprio local da prisão é tão inhóspito e os problemas hão-de ser tão chocantes!

Só quem encara a sua missão nas prisões como um meio de santificação, só quem veja naquelas reclusas o Cristo ultrajado, o Cristo dilacerado, poderá chegar ao fim — com o corpo gasto, mas a alma em perfeita união com o Deus de Amor!

Só quem tiver ouvido bem, lá dentro, as palavras do Senhor: «Eu estive preso e vieste ver-me».

Maria de Lourdes Azevedo Costa



Se o cristianismo fosse, apenas, religião ou código de moral, não fazia sentido falar-se em cultura cristã. Mas o cristianismo, que é religião e postula um dado comportamento moral, é fundamentalmente uma vida. E, sendo ele uma vi-

cia real. Ora, o cristianismo é tudo isto: é filosofia de valores, concepção de vida, doutrina encarnada. Há de haver, por consequência, uma cultura cristã que, do ponto de vista objectivo, se traduza por um património de valores cristãos

## no ano das comemorações de 25

da, implica que tudo o que contende com o homem, o que forma o seu pensamento ou marca o seu coração, o que condiciona a sua existência ou molda por qualquer forma o seu comportamento exterior, não pode passar à margem do cristianismo. O cristianismo integra todos os valores humanos e a vida de cada cristão deve distinguir-se pela busca constante e inquieta de uma síntese global de todos os aspectos da realidade, síntese essa, cujo princípio unificador seja a própria Revelação do Verbo.

É aqui que cristianismo e cultura se tocam. Com efeito, a cultura ou se entenda objectivamente (património de valores de uma comunidade ou de uma época) ou subjectivamente (revelada pela atitude dos indivíduos perante a realidade) não pode considerar-se independentemente de uma dada filosofia de valores; não pode processar-se fora de uma certa concepção de vida; não pode desenvolver-se separadamente da existên-

històricamente acumulados e experimentalmente vividos e, do ponto de vista subjectivo, se concretize numa atitude pessoal perante o mundo, a vida, os outros homens, atitude essa que não será meramente intelectual mas existencial,

## a criação de u

concretizada, portanto, em dado comportamento efectivo.

Não se ousa, certamente, contestar o valor de uma cultura cristã e a necessidade que os cristãos têm de a procurar com afinco. Com efeito, vivendo no temporal, o cristão deve saber encontrar no cristianismo, a resposta para os problemas próprios do seu tempo. Não é missão da Igreja tornar Cristo presente na história, de forma que os homens de todas as latitudes e de todos os séculos, até ao fim dos tempos, encontrem o Verbo Incarnado? E não cabe de forma



particular, aos leigos estarem preparados para darem esse testemunho, no sector em que se encontram? Bem o recordou o Papa Pio XII, na alocução aos membros do último Congresso do Apostolado dos Leigos, quando disse que a

## anos da A. C. P.

Hierarquia deveria «poder escolher colaboradores entre aqueles que encontrasse dispostos e capazes, *porque apenas a boa vontade não chega*».

No tempo presente, o problema da cultura católica tem particular acuidade.

## um centro católico de cultura

Fundação Cuidar o Futuro

É sabido como se têm sucedido as correntes de pensamento e as tentativas de estruturação da vida social em bases justas e como, neste campo, os fracassos se acumularam. Dir-se-ia que o homem, ganhando o domínio da natureza, não o soube integrar na escala de valores. Daí, os desajustamentos e crises na vida social, que caracterizam os últimos séculos. O mundo carece de uma síntese que integre as novas descobertas e hierarquize as perspectivas que, em sua consequência, foram abertas. Por isso, na época presente, mais do que em ou-

tras mais calmas, importa enriquecer o Pensamento Católico, aprofundando-o e assimilando-o, para o transformar em vida.

Entre nós, não têm faltado tentativas várias para fomentar a cultura católica. Mas não foi possível, até agora, unificar tais iniciativas e garantir-lhes a maior eficiência. Carecemos de uma Universidade Católica. E quanta falta ela faz, na formação das elites intelectuais, cujo pensamento se molda, afinal, por um ensino, senão de inspiração materialista, pelo menos, agnóstico-liberal. Mas, não podendo esperar-se que tão cedo se resolva o problema da Universidade Cató-

lica, nem por isso nos encontramos dispensados de tentar outras vias. E uma delas é, sem dúvida, a criação de um Centro Católico de Cultura, que deverá ficar a assinalar o 25.º aniversário da A. C. P.

Produto de renúncia efectiva, com que cada filiado há de preparar as comemorações dos 25 anos da A. C., o *Centro Católico de Cultura* há de vir a constituir verdadeiro foco de irradiação do Pensamento Católico e instrumento eficaz de formação de dirigentes e filiados.

Maria Manuela Silva



Se o cristianismo fosse, apenas, religião ou código de moral, não fazia sentido falar-se em cultura cristã. Mas o cristianismo, que é religião e postula um dado comportamento moral, é fundamentalmente uma vida. E, sendo ele uma vi-

cia real. Ora, o cristianismo é tudo isto: é filosofia de valores, concepção de vida, doutrina encarnada. Há de haver, por consequência, uma cultura cristã que, do ponto de vista objectivo, se traduza por um património de valores cristãos

## no ano das comemorações de 25 anos da A. C. P.

da, implica que tudo o que contende com o homem, o que forma o seu pensamento ou marca o seu coração, o que condiciona a sua existência ou molda por qualquer forma o seu comportamento exterior, não pode passar à margem do cristianismo. O cristianismo integra todos os valores humanos e a vida de cada cristão deve distinguir-se pela busca constante e inquieta de uma síntese global de todos os aspectos da realidade, síntese essa, cujo princípio unificador seja a própria Revelação do Verbo.

É aqui que cristianismo e cultura se tocam. Com efeito, a cultura ou se entenda objectivamente (património de valores de uma comunidade ou de uma época) ou subjectivamente (revelada pela atitude dos indivíduos perante a realidade) não pode considerar-se independentemente de uma dada filosofia de valores; não pode processar-se fora de uma certa concepção de vida; não pode desenvolver-se separadamente da existên-

históricamente acumulados e experimentalmente vividos e, do ponto de vista subjectivo, se concretize numa atitude pessoal perante o mundo, a vida, os outros homens, atitude essa que não será meramente intelectual mas existencial,

concretizada, portanto, em dado comportamento efectivo.

Não se ousa, certamente, contestar o valor de uma cultura cristã e a necessidade que os cristãos têm de a procurar com afinco. Com efeito, vivendo no temporal, o cristão deve saber encontrar no cristianismo, a resposta para os problemas próprios do seu tempo. Não é missão da Igreja tornar Cristo presente na história, de forma que os homens de todas as latitudes e de todos os séculos, até ao fim dos tempos, encontrem o Verbo Incarnado? E não cabe de forma

particular, aos leigos estarem preparados para darem esse testemunho, no sector em que se encontram? Bem o recordou o Papa Pio XII, na alocução aos membros do último Congresso do Apostolado dos Leigos, quando disse que a

Hierarquia deveria «poder escolher colaboradores entre aqueles que encontrasse dispostos e capazes, *porque apenas a boa vontade não chega*».

No tempo presente, o problema da cultura católica tem particular acuidade.

tras mais calmas, importa enriquecer o Pensamento Católico, aprofundando-o e assimilando-o, para o transformar em vida.

Entre nós, não têm faltado tentativas várias para fomentar a cultura católica. Mas não foi possível, até agora, unificar tais iniciativas e garantir-lhes a maior eficiência. Carecemos de uma Universidade Católica. E quanta falta ela faz, na formação das elites intelectuais, cujo pensamento se molda, afinal, por um ensino, senão de inspiração materialista, pelo menos, agnóstico-liberal. Mas, não podendo esperar-se que tão cedo se resolva o problema da Universidade Cató-

## a criação de um centro católico de cultura

Fundação Cuidar o Futuro

É sabido como se têm sucedido as correntes de pensamento e as tentativas de estruturação da vida social em bases justas e como, neste campo, os fracassos se acumularam. Dir-se-ia que o homem, ganhando o domínio da natureza, não o soube integrar na escala de valores. Daí, os desajustamentos e crises na vida social, que caracterizam os últimos séculos. O mundo carece de uma síntese que integre as novas descobertas e hierarquize as perspectivas que, em sua consequência, foram abertas. Por isso, na época presente, mais do que em ou-

lica, nem por isso nos encontramos dispensados de tentar outras vias. E uma delas é, sem dúvida, a criação de um Centro Católico de Cultura, que deverá ficar a assinalar o 25.º aniversário da A. C. P.

Produto de renúncia efectiva, com que cada filiado há de preparar as comemorações dos 25 anos da A. C., o *Centro Católico de Cultura* há de vir a constituir verdadeiro foco de irradiação do Pensamento Católico e instrumento eficaz de formação de dirigentes e filiados.

Maria Manuela Silva



# a mulher, o amor e a cultura

**A cultura exprime uma atitude global de conhecimento e amor.**

É certo que a cultura exige um conhecimento reflectido da realidade em que nos movimentamos. Por isso tem de ser alimentada de fragmentos dispersos e de ciências parcelares. Por isso tem de ser construída pelo esforço da inteligência, tomando posse das coisas que conhece. Mas não se limita á sistematização, ainda que perfeita, de modas, factos ou ideias.

A cultura implica uma concepção unificada da vida. Supõe o conhecimento dos motivos últimos do nosso próprio comportamento, a avaliação justa da situação em que vivemos. Exprime-se na forma como olhamos as coisas e os homens nossos irmãos. Traduz-se na atitude global sugerida pela nossa existência, desde os actos mais simples às reflexões e sentimentos mais profundos.

A cultura não é qualquer coisa justaposta à própria personalidade, roupa-gem que se veste ou despe sem afectar a nossa vida autêntica. A cultura existe connosco, vive em nós, exprime-se em cada acto livre que realizamos. Neste sentido, pode dizer-se que a cultura nos determina.

Tomada num significado mais amplo e objectivo, para além do homem-indivíduo, a cultura abarca todas as actividades humanas, das mais complexas às mais correntes, sempre que um pensa-

mento toma forma e se insere na vida quotidiana.

A cultura está assim longe de se confinar ao círculo académico da especulação filosófica ou do saber científico. Encarna e toma calor humano nos costumes, nos hábitos, nas tradições. Informa as instituições e modela as estruturas sociais. Está então na raiz da própria civilização.

A cultura não é para o indivíduo um simples olhar crítico voltado para o exterior. Para cada grupo humano não é tão pouco mera acumulação de aquisições intelectuais.

Encarnada em cada pessoa ou em cada civilização, a cultura é consciência de existência e de valores reais. Tem por isso necessidade de todas as coordenadas que permitem uma definição exacta de cada situação existencial, em que o indivíduo se encontra, tem necessidade de todos os dados que permitem uma definição clara da conjuntura histórica e social em que uma dada civilização toma corpo.

Nessa procura da posse de todos os valores a cultura põe inevitavelmente ao homem-indivíduo e ao homem-humanidade inteira o problema fundamental do seu destino último. Deus, Criador e Providência de todas as coisas criadas, revela-se então como o fecho de toda a cultura, como centro e fim desta tomada de consciência sobre o mundo.



Ao atingir os valores religiosos que lhe são termo e coroamento, a cultura abre-se a horizontes mais amplos. Ao acolher Deus, a cultura penetra no mistério da Trindade em que **conhecimento e amor** se identificam.

A cultura é então participação no olhar de Deus, constantemente pousado sobre as coisas criadas. Deus «vê» o universo e todos os seres que o povoam como Senhor e como Rei, mas esse «olhar» é, ao mesmo tempo, a atitude envolvente e infinitamente compreensiva do amor e da ternura sem limites. É esse olhar amoroso de Deus que dá a cada coisa a verdade que lhe é própria e revela em cada ser a realidade escondida que o torna verdadeiramente **único** entre todos os seres.

No termo e na raiz de toda a atitude cultural, o homem é chamado a participar dessa visão de amor sobre o mundo. Uma vida nova transforma então a cultura. As coisas adquirem significado diferente, para além dos acidentes que exteriormente as revelam. A cultura é então um olhar, esse de amor pousado sobre o mundo e a humanidade. É um penetrar fundo no mistério dos seres, não na dissecação dos aspectos que apresentam, mas na contemplação da imagem de Deus que revelam.

**A atitude, perante o amor humano define a atitude cultural.**

Quando analisamos as diferentes culturas, damos-nos conta de que a atitude cultural perdeu, em muitos casos esse fundamento de amor e que guardou apenas a análise fria de situações diferentes ou o gosto da curiosidade intelectual.

Numa primeira análise, o estudo da atitude intelectual ou da visão do mundo revelam imediatamente a ausência ou presença do amor. Basta ver até que ponto Deus está realmente presente na cultura, até que ponto é que o verdadei-

ro amor inspira todas as atitudes culturais.

Mas essa análise torna-se, talvez, mais nítida quando observamos o amor humano, o símbolo do Amor mais perfeito sobre a terra. É curioso notar como se revela o amor humano na cultura contemporânea. A sua interpretação permite-nos ajuizar do lugar que têm na cultura actual os valores espirituais que ele simboliza.

Assim é que toda a vida social, as manifestações culturais ao alcance das grandes massas, o comportamento dos indivíduos, nos dão a imagem dum amor centrado sobre os caracteres accidentais e acessórios da pessoa e não sobre a sua **singularidade única**.

O amor, na sociedade contemporânea, é sobretudo a conquista de dois mundos que se enfrentam. Basta mergulhar na literatura dos nossos dias e escutar todas as paixões concentradas que ela exprime. O homem e a mulher tornaram-se dois seres idênticos que desempenham uma espécie de drama, pelo prazer único da conquista. O amor tornou-se o desejo frenético pela posse mútua de duas liberdades, na mesma desorientação do primeiro par na queda.

Como se manifestam estes aspectos na cultura?

Aí, cada coisa deixou de ser única, perfeitamente individualizada. Formam-se superficialmente juízos sobre as pessoas e os factos. Não se aprende senão o que é exterior e accidental. Julga-se com critérios subjectivos. Não se consideram os seres na sua totalidade.

Os valores de conquista e de poder aparecem em primeiro plano. O sensacional torna-se aquilo que atrai as massas e as conduz. Perdeu-se completamente o sentido do ser **único** — foi substituído pela uniformidade.

Em suma, a atitude espiritual do homem torna-se opaca ao amor de Deus.



**A mulher, cabe integrar o conhecimento intelectual no amor.**

A primeira contribuição a dar à cultura é, assim, sem dúvida, a de lhe proporcionar o eixo que a oriente e o fogo que a vivifique — é o Amor, que explica o Universo, que pode dar-lhe o sentido último.

É tarefa para todos os homens; mas é missão que cabe especialmente à mulher. A mulher é particularmente responsável pela salvaguarda, no processo de conhecimento intelectual do mundo, da relação de amor entre as coisas criadas e o Criador.

Assim, nas actividades culturais, em que é chamada a intervir, não tem que procurar exprimir-se de forma idêntica à do homem, nem arrastar, mais ou menos veladamente, complexos resultantes duma errada convicção de igualdade perante as tarefas a desempenhar.

É o Amor que a mulher deve trazer à cultura — não duma forma primária, envolto em lirismo sem consistência ou caricaturado num sentimentalismo doentio, mas como o coroaamento e a chama vivificante de toda a actividade intelectual, da mais simples à mais complexa.

Não basta à humanidade conhecer em detalhe as forças físicas, em jogo no seio da matéria, e traduzi-las em fórmulas matemáticas. Precisa de saber que tudo isso é um mistério e que esse mistério se chama Amor. É esse Amor que a mulher deve revelar.

É certo que pode fazê-lo de infinitas maneiras. Quando universitária, a mulher tem sem dúvida aberto diante de si um campo muito mais amplo e tocando no próprio fundamento das atitudes

culturais. Mas, sem entrar nesse domínio, aliás já frequentes vezes assinalado na literatura recente, parece indispensável referir o caminho onde a grande maioria das mulheres pode dar à cultura esse fundamento do amor autêntico. É na esfera do amor humano, base de todo o equilíbrio social, que uma mudança radical de atitude é necessária.

Ao amor-paixão, a mulher tem de opor o **amor-dom**. Tem de fazer desabrochar na própria alma uma atitude constante de entrega, de esquecimento de si mesma e de solicitude vigilante pelas necessidades do outro.

A mulher não pode levantar barreiras ou fomentar incompreensões. Tem de ser infinitamente atenta e acolhedora, na plenitude do dom de si, levado até ao extremo. Nessa realização pessoal, a mulher pode então amar sem que a toque a tentação da conquista. Poderá criar as condições dum **encontro** autêntico — não procurará **ter** mas **estar-com-o-outro**.

O imenso respeito do outro, enquanto pessoa, afastará qualquer tentação de conquista — ela não querará **possuir**, mas **criar laços fortes**.

Através dessa atitude, vivida no concreto quotidiano, a mulher pode abrir rumos novos à cultura. Pode dar-lhe o sentido único, do dom, da receptividade — pode emprestar-lhe a atitude quente do amor. Então, a mulher estará a desempenhar na cultura a missão que lhe cabe. Estará a abrir o conhecimento intelectual à serena contemplação do amor de Deus.

MARIA DE LOURDES PINTASILGO



### XIII

Chegámos aos actuais. Como falar deles? São tantos, tantos os géneros, tantos os grupos! Poulenc e Honnegger, parece que quiseram construir um misticismo moderno. Dvorak e Katchaturian, parecem dar-nos a sua mensagem nacional e querer estendê-la a um *oferimento* universal (talvez já, um pouco, como os escandinavos Nils Gade e Grieg no Séc. XIX. Balakiroff e Prokofief juntam a uma riqueza espiritual, talvez atávica, muito grande, uma certa má intenção materialista (que é sem dúvida um triste final para uma coisa tão imaterial como a música).

Bela Bartok, o húngaro, embora sem desprezar os elementos nacionais, dá-nos uma visão quase profética dos sentimentos do Homem e do seu encontro com o mundo (ex.: concerto para 2 pianos e percussão) Karl Orff, na sua *Carmina Burana*, numa orquestração dentro dos módulos gregorianos, dá-nos uma visão modernizada da música da Idade Média.

Para além destas «linhas de som» que

são, ao mesmo tempo, as europeias e as de potencialidade mais universal, há mais alguma coisa.

Em primeiro lugar (por algum se há-de começar), temos ainda na Europa, as músicas folclóricas ou regionais. Em geral, de carácter «ligeiro»; mas, por vezes, alcançando mais «seriedade». Veja-se, por exemplo a música espanhola, na bellissima expressão que lhe deram Manuel de Falla, Albeniz e Granados.

Além da autêntica música espanhola, escrita pelos russos Tchaikowsky e Rimsky-Korsakof (*Capricho espanhol*) e pelos franceses Fauré, Debussy (*La puerta del viño, serenata interrompida*) e Ravel (*o célebre bolero que ou se admira ou se detesta*).

Passando à África: temos, entre diversas tribos da África Central e do Sul, uma música quase primitiva, de melodias muito simples, e acompanhamento instrumental pobre de variedade de sons. Predominam os ruídos, aplicados por vezes em ritmos desenvolvidíssimos, complicados, e que alguma coisa têm influenciado a música europeia.

No mundo árabe, a música é quase exclusivamente vocal, rica em ornamentos (floreados) mas pobre em extensão (sons melódicos). Com ela, tem afinidades a música da Índia, embora aqui a riqueza seja talvez maior. O acompanhamento instrumental (cordas e me-



tais de percussão — isto é: «pancada») é mais importante. Usam-se, por vezes, muitas vozes em conjunto, embora a melodia seja só uma. Mas esta é, por vezes, cheia de subtis cambiantes de expressão, em frases intermináveis.

Na China, o clima é idêntico. Ainda há pouco o teatro chinês, que esteve em Portugal mostrava que se cultivava a voz de falsete, o que dá a impressão de cordas vocais aleijadas.

O Japão parece ser mais delicado neste ponto. Há instrumentos de corda e de sopro de timbre muito belo, embora pouco sonoro.

As melodias «românticas» e «poéticas» das «gheishas», são doces, quase não se dando pela monotonia a que as condena a escala pentatónica. Acompanham-nas arpejos suaves nos instrumentos de corda.

Quanto à música religiosa, acompanhada com maior solenidade instrumental (gongo, p. ex) tem a mesma pobreza melódica.

#### XIV

Um salto, agora, até à América. Esta pode-se considerar como «Europa», sob o ponto de vista musical, quanto às populações não autóctones.

Quanto aos aborígenes, há a notar que, para a maior parte dos Índios do

Norte e do Sul, se pode dizer o que já foi dito para a África.

Há que abrir um importante parêntesis: os Incas.

Os inspirados e frenéticos incas que se deixaram aniquilar pelos espanhóis, tiveram também uma música notável, vocal e instrumental. O seu carácter era principalmente religioso. Mas, naquela terra de sol tórrido, montanhas e vulcões, a religião está essencialmente ligada à natureza. Apesar do seu atraso em muitos pontos, o sentido artístico dos incas levou-os a dar à música uma expressão imitativa da natureza: ribombar do trovão, cantar dos pássaros... Ainda aqui, talvez, ande influência da religião.

Essa música, a julgar pelo que a voz arqui-fenomenal de Ima Sumac nos mostrou, é ora suave, ora tempestuosa, indicando já uma reflexão e interiorização no seu criador. A voz anormal de Ima (cerca de 5 oitavas!!!!) presta-se, também, a uma grande variação na escala dos sons, fazendo-nos ouvir composições que utilizam sons muito graves e sons agudíssimos.

#### XV

A música é de facto uma arte livre e misteriosa. Livre de apoio material, mais do que qualquer outra. Porque tocamos

com as mãos e com o violino; mas o som é qualquer coisa que não está nem nas mãos nem no violino, nem sequer no ar. Nem numa pequenina harpa que tenhamos no ouvido. Para que haja som, é preciso que, de um modo especial, se encontrem as mãos, o violino, o ar, as cordas da harpa do ouvido...

E o mistério persiste.

E há mais:

Porque é que há músicas tristes, outras alegres, outras guerreiras, outras amorosas, outras espirituais, outras sensuais, outras poéticas como floresta na primavera? Porque é que a Cavalgada das *Walkyrias* ou a Sinfonia do Novo Mundo dão uma sacudidela no mais fundo do nosso mundo emotivo?

E porque é que certo encontro de sons é agradável (harmonia) e outro desagradável (dissonância)? E há mais mistério, porque há dissonâncias que en-

tram na música( e a gente *sabe* que, ali onde estão, ficam bem.

E, agora, outro caso curioso: porque seria que só na Europa foi descoberta (com a polifonia, no fim da Idade Média), a combinação de sons? Em outras partes do mundo, ainda hoje, ela é desconhecida...

Sem combinação de sons, não haveria Bach, Haendel, Beethoven, Wagner, Poulenc, Rachmaninoff, Nonnegger, Bela Bartok...

#### BIBLIOGRAFIA

*História da Música* — *Johanes Wolf*

*História Popular da Música*

— *Freitas Branco*

*Cent Opéra Célèbres*

*Voyage Artistique a Bayreuth*

(M. A. G.)

#### entre duas Presenças

- Na Mensagem de Natal, Sua Eminência o Senhor Cardeal Patriarca de Lisboa abordou o tema «Os dois reinos» e nele definiu a doutrina da Igreja acerca do poder temporal. Todos os universitários deverão conhecê-la e divulgá-la.
- A JUCF do Porto organizou um fim de semana sobre problemas missionários em que participou um grande número de universitárias.

- «Para uma feminilidade autêntica» foi o tema de um fim de semana promovido pela D. G. da JUCF e que reuniu universitárias de Coimbra, Lisboa e Porto.
- O último número do jornal da Pax Romana é consagrado à Declaração dos direitos do homem cujo 10.º aniversário passou em Dezembro. Pela importância deste diploma nenhum universitário o deveria ignorar.



a  
arte  
de  
ler  
os  
jor-  
nais

### A ARTE DE LER OS JORNAIS

Entre nós há dois defeitos na leitura dos jornais: lê-se pouco (é a primeira falha) e lê-se mal (é a segunda).

O inquérito lançado aos universitários de todo o país por ocasião do I Congresso dos universitários Católicos (1953) mostrou claramente que uma grande percentagem de universitários não lê habitualmente os jornais diários, e ignora os principais acontecimentos da vida nacional e internacional.

Uns números para dar realce à afirmação.

Interrogados acerca do costume que tinham de seguir ou não os debates da Assembleia Nacional, 50% dos universitários responderam negativamente e 38% disseram que apenas costumavam ler os títulos. Apenas menos de 8% acompanharam efectivamente as discussões da Assembleia.

Estes dados revelam uma atitude de indiferença que não tem justificação por se tratar de pessoas com particulares responsabilidades no campo da cultura. Mas não basta ler muito, ler tudo; importa que a leitura seja criteriosa e feita com método de forma que dela se possa esperar o efectivo enriquecimento de quem lê.

Há muitos que se perdem na leitura dos jornais e por falta de os saber ler acabam por desinteressar-se. Há uma arte para aproveitar bem a informação da imprensa diária. A seguir se dão algumas sugestões.

### DESCOBRIR OS FACTOS IMPORTANTES

Muitas vezes os factos importantes não têm no jornal o lugar que merecem, sendo necessário saber descobri-los.

São factos importantes os acontecimentos sociais e políticos, as questões económicas nacionais e internacionais. Merecem igualmente atenção as leis novas de que a imprensa, em regra, se faz eco, os debates da Assembleia Nacional (por mostrarem a orientação geral daquele órgão de soberania), as iniciativas de carácter cultural, as questões que se relacionam com a educação e o ensino.

Como bem se compreende, saber descobrir o essencial é de primordial importância, para se evitarem perdas de tempo e se conseguir rapidamente ficar a par da vida do país e do mundo.

Quantas vezes as pessoas se prendem unicamente à leitura do que é sensacional — crimes, desastres, etc., deixando de lado o que verdadeiramente tem interesse. Pode com toda a propriedade falar-se na necessidade de ascense a este propósito.

### RELACIONAR AS PARTES ENTRE SI

A leitura do jornal só por si não nos dá uma relação entre as diversas séries de factos. Contudo, é indispensável fazer essa relação sob pena de não compreendermos o que efectivamente se passa. Por exemplo, se lemos distraidamente um caso de terrorismo no Norte de África ou uma manifestação violenta de racismo nos Estados Unidos, podemos ficar com a ideia, de que se trata simplesmente de factos isolados e não lhes daremos certamente aquela importância que tais factos assumem e que poderíamos descobrir se os relacionássemos com outros semelhantes que nos últimos tempos se sucederam, com as atitudes tomadas pelos governos para os reprimir, etc.

Em suma, é indispensável integrar os nossos conhecimentos naquilo que já anteriormente conhecíamos, relacionando o presente com o passado para melhor o apreender.

### RECOLHER E SABER UTILIZAR O QUE TEM INTERESSE

É útil por vezes fazer a leitura do jornal com um lápis na mão para se poder assinalar rapidamente as frases, as notícias ou os artigos mais importantes. Deste modo, se faz ressaltar ao nosso espírito o que tem mais interesse.

Por outro lado, há questões que nos devem preocupar especialmente (as que se referem à vida universitária, à profissão futura, aos nossos interesses culturais, numa palavra aquilo que nos diz mais particularmente respeito). Quando encontramos referências a elas, porque não as assinalar e até recortar para as guardar em *dossier* apropriado, onde seja fácil encontrá-las se necessário for?

Com este método, encontraremos na imprensa muito material para o nosso estudo ou trabalhos diários (artigos, conferências, reuniões, etc.) e até elementos para proporcionar uma troca de impressões inteligente e dar «conteúdo» às nossas conversas.



### DISTINGUIR O «PARTICULARISMO» DA IMPRENSA

Os jornais não são órgãos de informação rigorosamente matemática. A informação que o jornal proporciona manifesta a orientação ideológica e política da redacção. Não porque sistematicamente os factos narrados se desvirtuem e se afirme que aconteceu o que não aconteceu, mas porque é possível produzir uma ideia diferente da verdadeira, graças ao efeito combinado da localização da notícia (nas páginas principais ou em lugar escondido), da extensão que se lhe dá, do tipo de letra, dos subtítulos, sobretudo, que permitem dar realce a um ou outro aspecto particular, consoante as preferências da redacção.

Para que seja possível ponderar devidamente a informação, é muito útil o conhecimento da orientação do jornal que se lê, o que se pode conseguir, quer através do esclarecimento junto de uma pessoa competente, quer através de um esforço pessoal por comparação das mesmas notícias dadas em vários órgãos de imprensa ou por apreciação dos artigos de carácter doutrinal.

### A IMPRENSA CRIA A OPINIÃO PÚBLICA. O DEVER DE INTERVENÇÃO

É indiscutível o valor que a imprensa tem como meio de formação da opinião pública. As ideias mais simples como as mais complexas acabam por ser aceites pelo público à força de serem retomadas pela imprensa e apresentadas de forma sugestiva.

Tendo presente este facto, bem se compreende que seja da maior importância poder exercer-se sobre a imprensa alguma forma de controlo, de forma a exigir que se desempenhe com imparcialidade e justo critério a sua missão informativa. O público leitor deve ser o crítico mais exigente, manifestando sempre que necessário, o seu apoio ou desagrado e ainda pedindo que se corrijam informações menos exactas.

É certo que os jornais nem sempre atenderão às observações dos leitores; mas, o simples facto de serem informados das reacções do público, fará reflectir a redacção e obrigá-la a tomar medidas diversas, nas situações futuras similares.

Este é um não pequeno dever dos católicos de cultura universitária.

### COMPLETAR A INFORMAÇÃO QUE A IMPRENSA DÁ

O noticiário dos jornais é evidentemente incompleto. Importa completá-lo, socorrendo-nos de revistas e livros, onde as sínteses são possíveis.

Certamente que não podemos fazer o aprofundamento de todas as questões que a imprensa diária aborda; nem isso importa. O que se impõe, é que escolhamos um domínio da nossa especialidade e nos ocupemos mais profundamente dele. Deste modo, evitaremos o grave risco de nos dispersarmos e cairmos na superficialidade, à força de querermos ser profundos.

Há, evidentemente, certos temas básicos que devem fazer parte da estrutura mental de um diplomado. Para esses, serve também este método.

autor de hoje

## T. S. ELIOT

Nascido na cidade de Saint-Louis, Missouri, E. U. A., em 1888, Thomas Stearns Eliot cursou durante 4 anos a Universidade de Harvard, completando depois os seus estudos de Filosofia e Literatura na Sorbonne, em Oxford e em Universidades alemãs. Trabalhou em Londres durante a Guerra de 1914/18, período em que começaram a divulgar-se as suas primeiras obras. A publicação de «The Waste Sand» em 1922, tornou-o universalmente conhecido e a partir da sua naturalização como cidadão britânico, em 1927, passou a exercer nos círculos literários uma influência profundíssima através de numerosas obras — poesia, teatro e teoria da literatura — e da Revista por ele dirigida: «The Criterion». De entre a produção deste período destaca-se a série de poemas «The Four Quartets», considerada pela maioria dos críticos a obra-prima do A., e os 4 dramas «Murder in the Cathedral», «The Family Reunion», «The Cocktail Party» e «The Confidential Clerk», em que Elliot empreende, com o maior sucesso, a tentativa de re-criação um teatro poético numa linguagem inteiramente moderna.

Agraciado por Jorge VI com a Ordem do mérito e prémio Nobel de literatura em 1948, em T. S. Eliot é ainda hoje reconhecida a autoridade máxima na poesia de língua inglesa e uma das maiores no campo da crítica literária.

## journey of the Magi

«A cold coming we had of it,  
Just the worst time of the year  
For a journey, and such a long journey:  
The ways deep and the weather sharp,  
The very dead of winter».  
And the camels galled, sore-footed, refractory,  
Lying down in the melting snow.  
There were times we regretted  
The summer palaces on slopes, the terraces,  
And the silken girls bringing sherbet.  
And the camel men cursing and grumbling  
And running away, and wating their liquor and  
women,  
And the night-fires going out, and the lack of  
shelters,  
And the cities hostile and the towns unfriendly  
And the villages dirty and charging high prices:  
A hard time we had of it  
At the end we preferred to travel all night,  
Sleeping in snatches,  
With the voices singing in our ears saying  
That this was all folly

All this was a long time ago, I remember,  
And I would do it again, but set down  
This set down  
This: were we led all that way for  
Birth or Death? There was a Birth, certainly,  
We had evidence and no doubt, I had seen birth  
and death,  
But had thought they were different: this Birth was  
Hard and bitter agony for us, like Death, our death.  
We returned four places, these Kingdoms,  
But no longer at ease here in the old dispensation,  
With an alien people clutching their gods.  
I should be glad of another death.

(1927)

## a viagem dos Magos

«Foi uma viagem fria,  
A pior época do ano  
Para uma viagem, e para uma viagem tão longa:  
Os caminhos sulcados e o tempo agreste,  
O mais gelado inverno.  
E os camelos ensanguentados, estropiados,  
insubmissos  
A deitarem-se na neve amolecida.  
Quantas vezes evocámos com saudade  
Os palácios de verão nas colinas, os terraços,  
E as reparigas vestidas de seda a servirem sorvete  
Sem falar nos guias dos camelos que praguejavam  
e resmungavam  
E fugiam e exigiam o seu licor e as suas mulheres,  
E as tochas que se apagavam, e a falta de abrigo  
E as cidades hostis e as vilas com má vontade  
E as aldeias sujas a pedirem-nos preços exorbitantes:  
Foi um tempo duro.  
Por fim caminhávamos durante toda a noite,  
Dormindo aos bocados  
Com vozes a cantarem-nos aos ouvidos, dizendo  
Que tudo aquilo era burla.

Tudo isto se passou há muito tempo, lembro-me bem,  
E estaria pronto a partir de novo, mas repara!  
Repara! nisto:  
Fôramos conduzidos ao longo de todo esse caminho  
para

O nascimento ou para a Morte? Houvé  
um Nascimento, com certeza,  
Tivemos à prova disso, sem qualquer dúvida,  
eu tinha visto nascimentos e mortes,  
Mas pensara que eram diferentes: este  
Nascimento foi  
Uma agonia amarga e dolorosa para nós, como a  
Morte, a nossa morte.  
Voltámos para casa, para estes reinos,  
Mas já não estamos à vontade, na ordem antiga,  
Com um povo estrangeiro preso aos seus deuses.  
Uma nova morte seria uma Alegria.

1927

27



A 19 de Julho de 1957, 3 meses depois da publicação da Encíclica «Fidei Donum». Sua Santidade o Papa Pio XII recebia na Sala do Trono do Vaticano os membros do Capítulo Geral da Sociedade dos Missionários da África (Padres Brancos), 11 Bispos e 45 Padres — vindos de todos os recantos da África. Do discurso, que o Papa proferiu nesta ocasião, extraímos as seguintes palavras, que bastariam para apresentar ao mundo católico a Sociedade dos Padres Brancos e indicar o lugar que ela ocupa no coração do Pai da Cristandade e que deveria ocupar nos corações dos que vivem os problemas actuais da África.

«Somos particularmente felizes, pouco tempo depois de ter exprimido, na encíclica «Fidei Donum», a nossa solicitude pela evangelização do continente africano, de receber os membros do 19.º Capítulo Geral dos Missionários da África. A Vossa presença, Veneráveis Irmãos e queridos Filhos, oferece-nos a oportunidade de vos manifestar de viva voz toda a afeição e estima, em que temos a vossa Sociedade. Podeis, com efeito, agradecer ao Senhor a expansão magnífica que tomou o vosso campo de apostolado, e a eflorescência das cristandades que vos são confiadas; sinal indubitável das bênçãos do Espírito Santo sobre a vossa Sociedade, que conta o maior número de sacerdotes, entre todas as famílias religiosas que trabalham em África».

A seguir Sua Santidade enumera os factores principais, que explicam a força missionária da Sociedade: a sua fidelidade ao espírito do Fundador, (o Cardeal Lavignerie, Arcebispo de Argel e Primaz da África); a fiel imitação de Cristo na pobreza e na obediência; o espírito católico dos seus membros, que vivem em comunidades internacionais, animadas duma caridade heróica, universal e desinteressada; a sua preocupação constante de edificar uma igreja africana com o seu clero e os seus bispos indigenas; e, por fim, a adaptação do seu apostolado aos problemas delicados, que levanta um continente, ainda novo, em plena crise de evolução.

Estas palavras colhidas na boca tão autorizada de Pio XII marcam a importância da presença dos Padres Brancos em terras de África e deixam adivinhar o alcance da sua presença, em

terras de velhas cristandades.

No presente artigo, tentamos tornar conhecida, às almas preocupadas com o problema africano, a dupla importância da Sociedade dos Padres Brancos no plano africano, meditada à luz da Encíclica «Fidei Donum».

## I

Em África a Sociedade dos Padres Brancos apresenta-se como uma presença cristã de primeira importância, presença multiforme e eficaz, contrariada infelizmente pelas forças do mal, assinaladas na Encíclica acima mencionada.

A Sociedade dos Padres Brancos apresenta-se como uma presença cristã essencial e unicamente missionária. A Sociedade dos missionários da África é uma sociedade missionária africana por excelência: nasceu em África (na Argélia, em 1868), trabalha só em África, ocupa a sétima parte do continente africano, tem a seu cargo 25.838.200 almas, isto é, a oitava parte da população total da África: Dos 12.000 Sacerdotes, que trabalham em África, 1.976 são Padres Brancos, e

Ensinar o Futuro

# Os Padres Brancos da

enfim o hábito religioso dos missionários que é o hábito dos muçulmanos da África do Norte (batina branca que se chama algandura, capa branca chamada albornoz e fez vermelho).

Africana por nascimento e vocação, a Sociedade é para os africanos uma presença de Luz, de Força, de Vida e de Amor.

*Presença de Luz.* Uma das principais preocupações do missionário é de dar aos africanos a luz do Evangelho, que deve orientar as inteligências na procura da verdade e assegurar as estruturas morais, intelectuais, políticas e sociais da África de amanhã. É pelas escolas, pela imprensa, pelas obras sociais que o ideal cristão se vai infiltrando nas várias camadas da sociedade africana. Nas suas missões, os Padres Brancos contam

16.000 escolas primárias e secundárias com mais de um milhão de alunos, 378 escolas normais e profissionais com 20.706 alunos e 80 escolas clericais com 2663 alunos. Publicações, jornais, periódicos não se contam: o jornal «Afrique Nouvelle» editado em Dakar, tem uma importância sem igual na difusão das ideias cristãs na África nova.

*Presença de Força.* Não basta oferecer a luz aos africanos; é preciso, também, prepará-los para a aceitarem e viverem. É durante 4 anos de longo catecumenato, que os Padres Brancos formam os cristãos, que serão a Igreja africana de amanhã. A constante preocupação do missionário é formar o escol intelectual e espiritual, chamado a tomar, num futuro mais ou menos próximo, as rédeas do governo. A África conta já 21 Bispos africanos, 1.200 Sacerdotes indígenas e 5.000 religiosas africanas. Nas suas missões, os Padres Brancos contam 6 Bispos africanos, 536 Sacerdotes e 1.652 religiosas indígenas.

*Presença de Vida.* Presença que vivifica e santifica as almas. As estatísticas de 1947 falam por si: 364.000 baptizados (111.180 adultos, 193.400 filhos de Cristãos, e 59.800 baptizados em perigo

26 anos, 10 tinham 27 anos, 11 tinham 28 anos, 11 tinham 29 anos e 15 tinham 30 anos.

Outros derramaram o seu sangue: 6, no deserto, em 1875 e 1881, mortos pelos seus guias muçulmanos; 2, na África Central, no princípio do século; e, há 2 anos, na Argélia, 2 mortos e 1 desaparecido pela acção dos rebeldes argelinos.

Outros enfim, e são a maior parte, sacrificam uma vida longa de apostolado ao serviço dos africanos. Na sua actividade missionária as obras de caridade ocupam um lugar de honra e acabam por derreter os corações mais duros. Em 621 estabelecimentos de caridade, 11.040.500 indígenas foram socorridos, durante o ano findo.

Ao considerarmos, agora, o campo de acção da Sociedade dos Padres Brancos, devemos concluir, que a sua presença é das mais importantes para o futuro da África. Como já dissemos, a oitava parte da população africana é confiada aos seus cuidados e zelo apostólico. Em 42 Dioceses ou territórios apostólicos, que contam ao todo 600 missões, a pequena tropa missionária (1976 Sacerdotes e 293 Irmãos auxiliares) luta, reza e sofre, conquistando as almas para a Igreja de Deus. Na Argélia, no Saará, no Sudão Francês e Inglês até ao estado novo de Ghana, aonde contam 2 dioceses, na África Central e Oriental (Uganda, Tanganica, Congo Belga, Rodésia do Norte e Diocese da Beira, Moçambique, aonde contam 8 missões e a direcção do Seminário Menor Diocesano) estendem a sua influencia benéfica. «Podeis agradecer ao Senhor a expansão magnífica, que tomou o vosso campo de Apostolado» (PIO XII). Neste vasto campo de apostolado, os Padres Brancos não trabalham sôzinhos, fazem apelo a todas as forças vivas do apostolado. Inúmeras religiosas, Irmãs Brancas e outras, ajudam na educação da mulher e nas obras de caridade, especialmente nos Hospitais; Padres seculares e religiosos especializados no ensino superior, na organização da Acção Católica e das obras sociais oferecem colaboração, cada vez mais ampla e mais eficaz. Os apóstolos leigos (médicos, enfermeiros, assistentes sociais, arquitectos, professores e professoras, membros da Acção Católica, merecendo os Jocistas uma menção especial) aparecem, cada vez, mais numerosos e conscientes da sua responsabilidade, na Igreja missionária do Século XX.

## e a missão África

de morte) 10.941.800 confissões, 48.935.000 comunhões e 44.189 casamentos. Movimento religioso extraordinário, que testemunha a vitalidade cristã da África que sobe.

*Presença de Amor.* Todos os missionários da Sociedade fazem suas as palavras do seu fundador, o gigante do apostolado africano: «Os Patriarcas amaram até as pedras do Sião. A seu exemplo, amei tudo na nossa África — o seu passado, o seu futuro, as suas montanhas, o seu céu puro, o seu sol, as grandes linhas dos seus desertos, as ondas azuis que a banham... Ó minha querida África, por ti tudo abandonei, tudo sacrifiquei...».

Uns sacrificaram a sua juventude: em 15 anos, de 1891 a 1905, 143 missionários deram a sua vida pelo Congo: 4 tinham 25 anos, 6 tinham



Se passarmos à *eficácia do seu apostolado*, forçoso nos é repetir as palavras do Sumo Pontífice Pio XII: «Podeis agradecer ao Senhor a eflorescência das cristandades que vos são confiadas, sinal indubitável das Bênçãos do Espírito Santo sobre a vossa Sociedade;...».

As missões em territórios muçulmanos não podem apresentar resultados aparatosos. O grão está na terra e deve morrer antes de germinar e crescer. Os missionários têm confiança no futuro. Não é em vão que os Padres sofrem e morrem na Argélia batida pelas ondas da Revolução. O sangue dos Mártires é semente de cristãos, dizia Santo Agostinho.

Na África Ocidental, Central e Oriental, nos territórios confiados aos Padres Brancos, assistimos a uma eflorescência extraordinária de jovens Cristandades. Nas suas missões, os missionários da África contam 3.875.087 baptizados e 1.134.284 catecúmenos, que, durante 4 longos anos, se prepararam a entrar no Corpo Místico de Cristo.

Na Uganda, que desde 1886 conta os seus 22 mártires africanos, quase metade da população é cristã; e no Urundi, que conta 2.120.000 habitantes, a população cristã passou a ano passado à cifra incrível de 1.297.000 (1.062.000 baptizados e 235.000 catecúmenos).

Em 1957, os Padres Brancos baptizaram nas suas missões mais de 300.000 africanos o que representa o nascimento duma comunidade paróquial de 6.000 almas por semana.

Comunidades cheias de vida e de esperança. Um jovem missionário escreve do Urundi: «Tenho 11 meses de sacerdócio, ouvi 22.017 confissões, distribuí mais de 100.000 comunhões e fiz perto de 500 baptizados; a Liga do Sagrado Coração de Jesus conta 2.100 membros, lanço a Legião de Maria. O Espírito Santo nunca está cansado, e nós também... A vida é bela...».

Cristandades novas, aonde florescem as vocações sacerdotais e religiosas. Nos 36 seminários, que possuem em África, os Padres Brancos, contam 2.885 seminaristas, que se destinam ao clero diocesano e que irão reforçar, amanhã, os 536 Sacerdotes em plena actividade. As religiosas indígenas, quase todas de congregações diocesanas, atingem o número de 1.652 e 364 Novícias preparam-se, no silêncio e na oração, a emitir os seus

votos, que as ligarão para sempre ao divino Esposo e à Santa Igreja. 85 noviços irmãos auxiliares preparam-se para entrar nas fileiras dos 340 irmãos professos, que dão uma ajuda material, intelectual e espiritual apreciável na construção da Igreja africana em marcha. Há poucos anos, assistimos ao desabrochar da vida monacal: Carmelitas, Trapistas, Beneditinos, Claristas, Dominicanas.

Conventos novos surgem no solo africano, oásis de oração e de penitência, centros de irradiação espiritual intensa.

Mas, infelizmente, a presença benfazeja do missionário é contrariada por forças opostas. Nalgumas missões dos Padres Brancos, encontramos o islamismo que, com remoçado vigor, procura estender a sua influência. Hoje são 80.000.000, em África, os adeptos de Maomé; e o seu número vai crescendo, de dia para dia. Noutras missões, os missionários têm que contar com a acção dos protestantes, sobretudo nos territórios ingleses, que pelas suas larguezas, pelas suas obras de caridade, pelas suas escolas, pelos seus hospitais ultramodernos, já ganharam mais de 10.000.00 de africanos para as suas doutrinas e acabam, infelizmente, por semear nestas almas os germes da dúvida e da discórdia. Em todas as missões, levanta-se, hoje, o materialismo ateu e o comunismo manhoso. Sempre alerta, os Padres Brancos procuram despistar e destruir as forças nocivas, que ameaçam o edificio espiritual, que tão laboriosamente edificaram. Trabalham com confiança, a realizar o que Pio XII dizia na sua Encíclica «Fidei Donum»: «Na grande família católica, as jovens Igrejas africanas tomam, hoje, o lugar que lhes pertence, saudadas com coração fraterno, pelas mais antigas dioceses, que as precederam na fé».

## II

Na Europa, na América, nos países de vastas cristandades, os Padres Brancos têm a pretensão de ser *uma presença africana*, que chama a atenção do mundo católico para a evangelização da África. Fazem suas as palavras do Sumo Pontífice: «Pareceu-nos oportuno, orientar hoje a vossa atenção para a África, na hora em que Ela se abre á vida do mundo moderno e atravessa os anos, talvez mais graves, do seu destino milenário».

Na Europa e na América, mais de 500 Padres Brancos dedicam-se à obra difícil da propaganda missionária e da formação apostólica dos futuros missionários.

Em Roma, na Via Aurélia, reside o Superior Geral da Sociedade e o seu conselho. É o coração e o cérebro da Sociedade, que centraliza todas as forças vivas ao serviço da Igreja.

Nas numerosas casas de formação, que a Sociedade possui na França, na Bélgica, na Holanda, na Suíça, na Itália, na Espanha, no Canadá, nos Estados Unidos e na África do Norte, 1.010 pequenos seminaristas, 226 filósofos, 136 noviços, 396 estudantes teólogos e 167 Irmãos auxiliares recebem a formação intelectual, espiritual e missionária, que os futuros apóstolos da África de amanhã, tanto precisam.

As casas de propaganda, que a Sociedade possui em mais países ainda (em Lisboa possui uma casa na Praça Pasteur, 3 5.º-Esq.), são centros de irradiação do espírito missionário. É pelo contacto do dia a dia, pelo ministério, pelas conferências missionárias, pelas sessões de filmes afri-

canos, organizadas nos colégios e nas paróquias, que os Padres Brancos vão criando uma atmosfera de simpatia pelas missões africanas e o clima necessário ao desabrochar das vocações missionárias. Sacerdotes, Irmãos auxiliares, religiosas, militantes leigos todos são precisos ao progresso da Igreja, em terras de África.

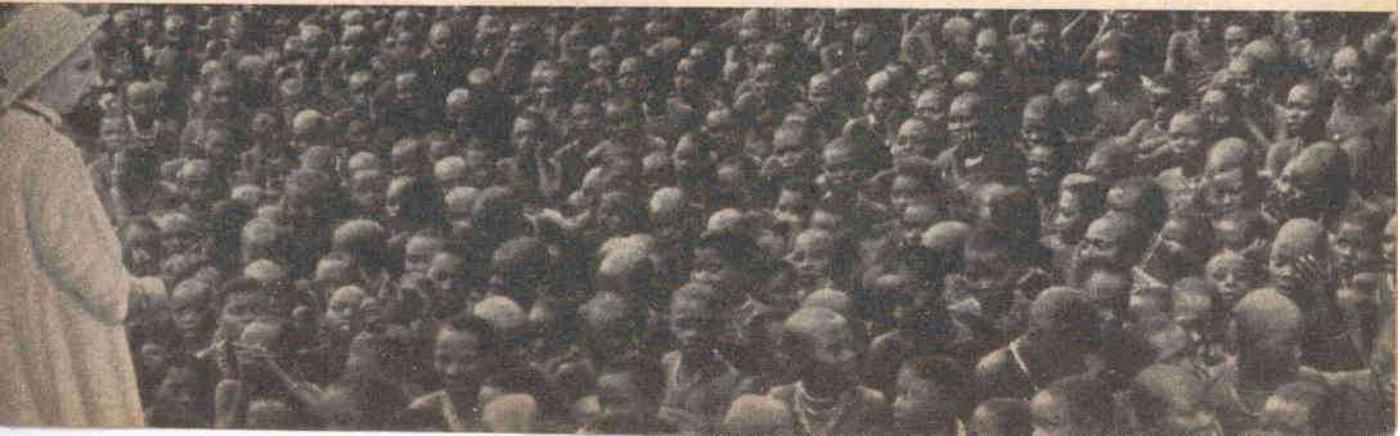
Terminamos com as palavras de Pio XII, na sua Encíclica: «A vós Veneráveis Irmãos, pastores responsáveis de terras de recente evangelização, que estabeleceis a Igreja ou a consolidais ao preço de tantas fadigas, queremos que a nossa carta leve, não somente o testemunho da nossa paterna solicitude, mas ainda a certeza de que toda a comunidade cristã, posta de novo de sobreaviso sobre a amplitude e as dificuldades da vossa tarefa, está cada vez mais ao vosso lado, para vos sustentar com as suas orações, com os seus sacrifícios e enviando-vos os melhores dos seus filhos».

PADRE ALBERTO GORIN  
dos Padres Brancos

Fundação Cuidar o Futuro



«No momento em que se procuram novas estruturas, enquanto alguns povos correm o risco de se abandonarem às mais enganadoras seduções de uma civilização técnica, a Igreja tem o dever de lhes oferecer, na máxima medida possível, as substanciais riquezas da sua doutrina e da sua vida, animadoras de uma ordem social cristã. Qualquer demora seria cheia de consequências.» (Fidei Donum, 12)





## o mito Ann Frank

Há épocas, há crises, há manias, há epidemias, há delírios. Agora, atravessamos a época, crise, mania, epidemia, delírio *Anne Frank*.

Uma Judia, por causa da invasão dos Nazis, teve que se ir esconder com toda a família num sótão acanhado, sempre no escuro. O merceiro amigo, em boas relações com os invasores, passava às escondidas os mantimentos com que a família judia se ia aguentando.

Anne estava (na adolescência, idade das asas, dos espaços, das expansões) encerrada entre 4 paredes acanhadas. E expandiu-se num diário.

Depois, morreu.

E agora?

Agora é um ídolo. Até se fazem cinemas e encenações teatrais sobre ela e o seu diário.

Porquê o delírio Anne? Porque ela é um triplíce símbolo:

— para uns, símbolo da adolescência, com todo o seu carácter sagrado de Mistério e Promessa.

— para outros, ódio aos Nazis.

— finalmente, para terceiros, um pouco confusamente, o símbolo do ódio de fracos contra os fortes, dos que têm menos contra os que têm mais (seja quel for o menos e o mais).

E é pena, este exclusivismo sectário dos últimos símbolos, porque com ele se desvirtua Anne. Creio não errar, se disser que a sua mensagem é de asas para alcançar os *Espaços Livres*, e não de lanças de ponta envenenada para trespassar à traição «inimigos».

(M. A. G.)

## a juventude francesa e o perigo do materialismo

No ano passado, o Instituto Francês de Opinião Pública, em colaboração com o *L'Express* fez um inquérito entre os jovens franceses dos 18 aos 30 anos — *la nouvelle vague*. O inquérito pretendia conhecer a mentalidade da nova geração e, se o não conseguiu totalmente, não há dúvida que proporcionou material abundante e rico para se reflectir.

Uma das perguntas, que o inquérito fazia, era a seguinte: «Há alguma coisa pela qual esteja disposto a arriscar a vida?» As respostas de sim e não equilibraram-se. 41% dos inquiridos responderam afirmativamente; 42%, negativamente; e 17%, hesitaram e disseram não saber.

Quase metade dos jovens franceses não arriscará a sua vida por coisa alguma, eis um dado a reter. Acima de tudo, estes jovens prezam o seu bem estar, a sua segurança, o seu conforto, a sua estabilidade.

E os que afirmaram estarem dispostos a sacrificar a sua vida, com que motivos o farão? 25% apenas para defender a sua própria família; 7% pela Pátria. Apenas 1% pelo bem dos outros homens; 0,5%, pela Paz; 2%, pela religião.

No entanto, os mesmos jovens, quando interrogados acerca da necessidade de um ideal na vida responderam, por imensa maioria, que é necessário ter um ideal. Simplesmente, o ideal para a nova geração francesa está, sobretudo, no acesso à felicidade, ao amor, ao bem-estar material, ao êxito profissional. Compreende-se, agora, porque não arriscarão a vida por ele.

Estes números são reveladores de certo estado de espírito; acusam uma forte influência do materialismo nos jovens franceses. Não que eles se solidarizem com Moscovo ou sejam adeptos de Marx (outras respostas a este mesmo inquérito permitem afastar tais hipóteses); mas porque o jovem, criado num ambiente, onde não há lugar para o acto heróico, nem se aprecia devidamente o santo, acaba por ser moldado, fortemente, por uma atitude materialista, em face da vida. Não haverá lugar para se falar em materialismo filosófico, mas corre-se o grave risco de um materialismo prático. (M. M. S.)

Presença tem neste número 32 páginas. Se continuar a aumentar como até aqui o número de assinantes, não só poderemos manter este número de páginas como dentro em breve poderemos pensar em novos aperfeiçoamentos tipográficos.

Colabore conosco na expansão da Presença, enviando-nos num simples postal nomes e moradas de pessoas interessadas em recebê-la.

**A REDACÇÃO**



# Fundação Cuidar o Futuro

Composição e Impressão: Tipografia Cardim, Lda. — Cascais